

# Mesclagem, polissemia e dêixis

Julia Scamparini Ferreira\*

Lilian Vieira Ferrari\*\*

**Resumo** – Neste artigo, descrevemos o processo de construção do significado de elementos dêiticos polissêmicos à luz da teoria dos espaços mentais (FAUCONNIER 1994, 1997) e das noções de Modelo Cognitivo Idealizado – MCI (LAKOFF, 1987) e mesclagem conceptual (Fauconnier 1997, FAUCONNIER E TURNER 2002). Argumentamos que a conceptualização da referência dêitica constitui-se a partir de processos de mesclagem, que envolvem o MCI da dêixis e diferentes tipos de MCIs ativados pelo discurso. Esses domínios conceptuais contribuem para a construção de um espaço-mescla específico, em que os interlocutores reconhecem informações de pessoa, espaço e tempo. A abordagem proposta tem a vantagem de fornecer um tratamento unificado para o fenômeno da dêixis, não apenas demonstrando a motivação de elementos não-prototípicos a partir de elementos prototípicos, mas também evidenciando o papel que o processo de mesclagem conceptual desempenha na interpretação dos dêiticos.

**Palavras-chave** – Dêixis. Polissemia. Cognição.

## Introdução

O fenômeno da dêixis tem sido freqüentemente definido como o reflexo lingüístico mais óbvio da relação entre língua e contexto. Não é novidade, portanto, que o uso de expressões dêiticas tenha sido analisado de forma bastante detalhada nos estudos pragmáticos, que costumam ressaltar o fato de que os termos dêiticos não podem ser adequadamente descritos com base em teorias que tratam a linguagem como um sistema representacional independente de fatores contextuais (LEVINSON, 1983, 2004).

Em que pese a propriedade da reivindicação de se levar em conta o papel do contexto na análise dos dêiticos, também é verdade que as análises pragmáticas não fornecem uma abordagem teórica global que

---

\* Mestre em Lingüística pela Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ. E-mail: juliascamparini@yahoo.com.br

\*\* Professora Adjunta IV da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, Brasil. E-mail: lilianferrari@uol.com.br

explique a multiplicidade de usos dêiticos. Tais análises limitam-se, na maioria das vezes, a estabelecer categorias de dêiticos de acordo com suas funções e parâmetros contextuais, sem que as classificações propostas sejam embasadas em generalizações relevantes.

Com o objetivo de buscar critérios consistentes para a abordagem dos dêiticos, este artigo fundamenta-se na teoria dos espaços mentais (FAUCONNIER 1994, 1997) e, mais especificamente, nas noções de MCI (LAKOFF, 1987) e mesclagem conceptual (FAUCONNIER E TURNER, 2002). Procuramos dar seguimento a trabalhos cognitivistas sobre a dêixis (RUBBA, 1996; MARMARIDOU, 2000) e, ao mesmo tempo, abrir caminho para um tratamento unificado do fenômeno.

A análise pautou-se em ocorrências reais de dêiticos de pessoa, tempo e espaço – o pronome de 1ª pessoa do plural “nós”, o advérbio de tempo “hoje” e o advérbio de lugar “aqui” –, em crônicas de João Ubaldo Ribeiro, publicadas no jornal *O Globo*, nos anos de 2004 e 2005. Por se tratar de textos que acionam vários domínios conceptuais, as crônicas do autor demonstraram ser um excelente laboratório para esse tipo de pesquisa. Entretanto, como pretendemos deixar claro no decorrer deste trabalho, a análise proposta não se restringe aos dados utilizados, mas toma-os como ponto de partida para generalizações referentes à polissemia dos dêiticos em geral.

Para ilustrarmos as ocorrências sobre as quais nos debruçamos nesta análise, consideremos os seguintes fragmentos, que apresentam a 1ª pessoa do plural com interpretações distintas na crônica *Nós somos mesmo é um bando de ladrões*:

- (1) **Vamos pensar** que seria possível para um governo, especialmente esse governo, conceber um mecanismo inteiramente novo de distribuição de benefícios para os carentes.
- (2) ... o dinheiro dos impostos no Brasil não dá para as despesas porque se rouba muito. .Os impostos obscenamente altos e abundantes que **pagamos** são insuficientes para a roubalheira.
- (3) Não **sabemos** com certeza o que os outros fazem. **Podemos** saber ou achar que **sabemos** muito, mas geralmente não **sabemos** nada. É até bem freqüente – e está aí a turma analisante/analísanda que não me deixa mentir – que **nós** mesmos não **saibamos**, ou não **lembremos**, o que **fazemos** ou **fizemos**.

O problema que os trechos acima apresentam não é de compreensão – já que a interpretação das referências dêiticas é clara –, mas teórico: como se estabelece a referência adequada a cada vez? A leitura atenta de cada um dos trechos sugere que os usos da 1ª pessoa do plural são traduzíveis em, respectivamente, “nós, interlocutores de uma conversa”, “nós, povo brasileiro” e em um sentido genérico, que abarca as duas interpretações precedentes: “todos nós, seres humanos”. O que se apresenta, portanto, é um caso de referência múltipla aplicada a um termo dêítico, o que ilustra a natureza polissêmica do fenômeno.

O presente artigo está dividido em três seções. A seguir, apresentamos os fundamentos básicos da teoria dos espaços mentais, detalhando as principais noções que sustentam o eixo principal de nossa análise. Na seção 2, destacamos pesquisas que contribuíram para o desenvolvimento da abordagem cognitivista dos dêiticos aqui proposta. A seção 3 apresenta a análise propriamente dita, detalhando os processos de mesclagem conceptual relacionados aos dêiticos investigados.

## 1. Teoria dos Espaços Mentais: Noções relevantes

A teoria dos espaços mentais (FAUCONNIER, 1994, 1997) baseia-se na noção de que a construção do significado envolve diferentes conexões entre gramática e estrutura cognitiva, e conseqüentemente, no argumento de que dados lingüísticos podem revelar aspectos de representações mentais de alto nível (SWEETSER; FAUCONNIER, 1996).

Parte-se da premissa de que, ao nos comunicarmos, lançamos mão de domínios cognitivos organizados e ativados pelo uso da linguagem. Tais domínios podem corresponder a estruturas de memória social ou podem ser criados enquanto falamos e pensamos.

Nossa memória social é organizada, segundo LAKOFF (1987) em *Modelos Cognitivos Idealizados (MCIs)*, que são as estruturas por meio das quais organizamos nosso conhecimento. Essas estruturas são *modelos* porque atuam como representações duradouras, armazenando e organizando o conhecimento sobre um domínio. Esses domínios, por sua vez, não são individuais, mas sim convencionalizados por seu uso em uma comunidade. Além disso, tais modelos são *idealizados* porque refletem ajustes e simplificações, não representando a realidade exata. Por serem

conhecimento compartilhado, falantes automaticamente os assumem como conhecidos por seus ouvintes e, dessa forma, MCIs permanecem implícitos no uso da linguagem.

A sentença abaixo sugere que a qualidade *vaidade* é parte do MCI ao qual o conceito *mulher* está ligado:

(4) *Aquela moça é estranha, não tem vaidade nenhuma.*

O MCI em questão é o do universo feminino, e abarca expectativas sobre o comportamento das mulheres em geral.

Tendo em vista que o exemplo prototípico de uma categoria apresenta todas as características previstas no MCI, o protótipo funciona como ponto de referência cognitivo que gera *assimetrias* ou *efeitos prototípicos*, isto é, exemplos que, em relação ao membro central da categoria, podem ser vistos como variantes. Por isso, uma mulher que não se preocupe com a beleza ainda faz parte da categoria *mulher*, mas será um exemplo menos prototípico.

MCIs são reconhecíveis através de pressuposições lingüísticas e efeitos de ironia, entre outros recursos da linguagem. Ao mesmo tempo, o uso da linguagem os ativa. Apresentam-se de forma *proposicional*, como o MCI do universo feminino, e também como:

- *esquemas imagéticos*: estruturas esquemáticas que evocam relações espaciais elementares, que fazem parte do sistema conceptual humano, tais como a imagem de “containers”, caminhos, força, equilíbrio e orientação (*em cima/embaixo, frente/trás, parte/todo, centro/periferia* etc.). Como será descrito posteriormente, o MCI da dêixis determina um esquema imagético do tipo CENTRO vs PERIFERIA, que explica a estrutura prototípica da categoria.
- *projeções metafóricas*: partindo de um modelo proposicional ou esquema imagético, as projeções metafóricas estabelecem ligações entre elementos de um domínio e elementos correspondentes em outro domínio: o entendimento que temos de VÍRUS de computador é estruturado pela correspondência estabelecida entre o MCI de “Informática” e o MCI de “Doenças Humanas” (FAUCONNIER, 1997), como pode ser verificado no exemplo “*Todos esses arquivos estão contaminados pelo vírus x*”.
- *funções pragmáticas*: tendo em vista que elementos em um espaço podem ter contrapartes em outro espaço, funções pragmáticas entre esses elementos podem atuar ativamente em processos de referenciação. Por

exemplo, a existência de uma função pragmática que estabeleça uma ligação entre objetos e seus usuários, pode permitir que a referência a um objeto desencadeie a referência a seu usuário, possibilitando usos metonímicos, tais como “*Os ônibus estão em greve*”.

Enquanto falamos e pensamos, ativamos *espaços mentais*, que são domínios cognitivos dinâmicos, criados e retomados no/pelo discurso. O contexto inicial do momento de produção da fala equivale ao *espaço-base* e, a partir dele, novos espaços mentais são estabelecidos.

A noção de espaço mental pode explicar diversos fenômenos lingüísticos, como a ambigüidade referencial da sentença “*João quer casar com uma norueguesa*”: o referente *norueguesa* pode estar no espaço do “querer”, caso ela ainda represente um desejo, assim como no espaço-base, caso ela já tenha sido escolhida. As figuras abaixo ilustram os dois casos:

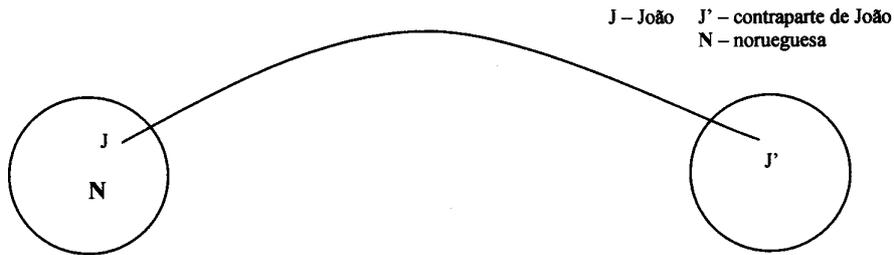


Figura 1

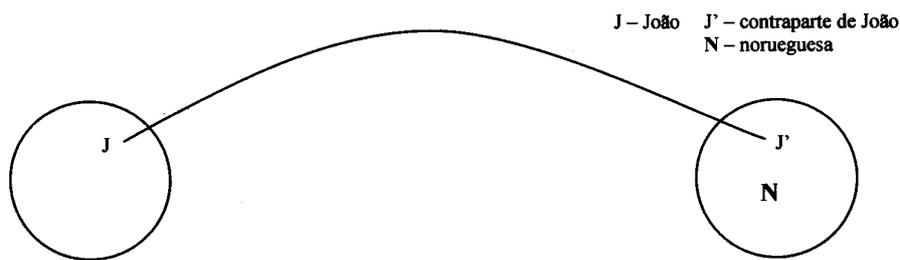


Figura 2

MCI e espaços mentais relacionam-se em função de projeções entre domínios (*mappings*, FAUCONNIER, 1997). Em linhas gerais, MCIs proposicionais e de esquemas imagéticos alimentam e estruturam espaços mentais e permitem projeções de significado através de metáforas e metonímias.

A noção de *mesclagem conceptual* (*blending*, FAUCONNIER, 1997) refere-se a um processo cognitivo que permite a integração entre domínios conceptuais que funcionam como input para um novo espaço mental estruturado – a *mescla*.

O que permite a mesclagem de dois domínios-input é uma projeção inicial interdomínios, a qual reconhece ou estabelece um tipo de analogia entre elementos desses inputs - as *contrapartes*. Essa analogia fica estruturada em um *esquema genérico*, e é o que permite, portanto, que ocorra o processo de mesclagem conceptual e a criação da *mescla*, com sua *estrutura emergente* herdada da projeção parcial das estruturas dos inputs. Passo a passo, o processo constitui-se da seguinte maneira:

1. **projeção interdomínios**: projeção parcial entre *contrapartes* dos inputs 1 e 2; ou seja, não é necessário que todos os elementos dos inputs sofram projeção para que se forme o esquema genérico e se torne possível a *mescla*. (Figura 3)
2. **esquema genérico**: reflete a estrutura e a organização abstrata que há em comum entre os inputs (a analogia). (Figura 4)
3. **mescla**: os inputs são parcialmente projetados nesse 4º espaço. Nota-se, pela Figura 5, que podem ser projetados elementos que eram *contrapartes* ou não; e que entidades dos inputs podem ser fundidos em um só elemento na *mescla*, ou podem ser projetados separadamente.
4. **estrutura emergente**: a *mescla* tem estrutura emergente (Figura 6) – não dada pelos inputs, e sim formada por contribuição deles.

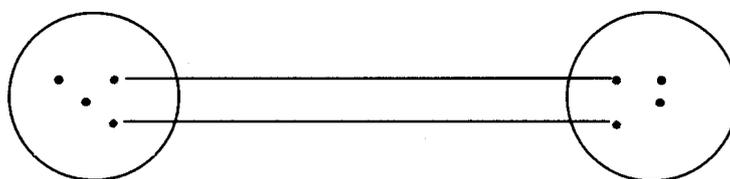


Figura 3 – Projeção inter-domínios

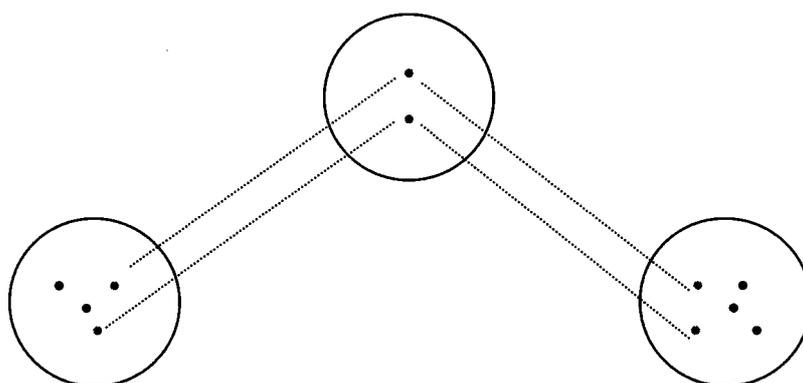


Figura 4 - Esquema genérico

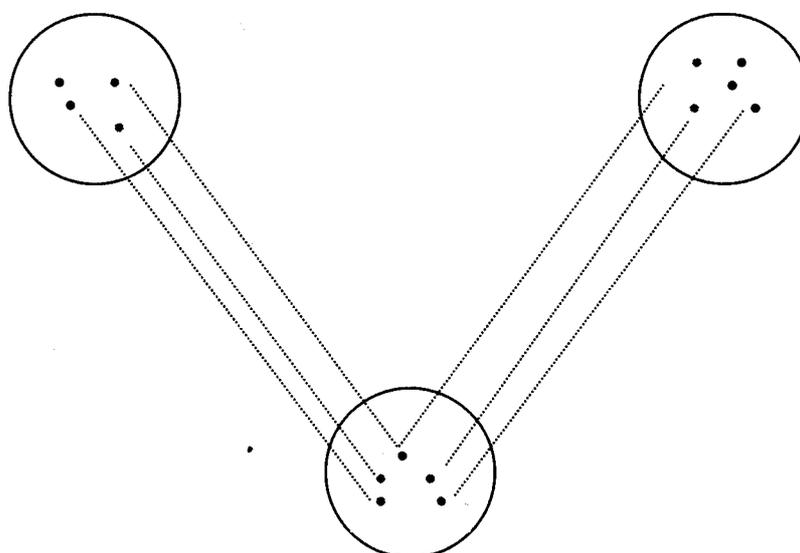


Figura 5 - Mescla

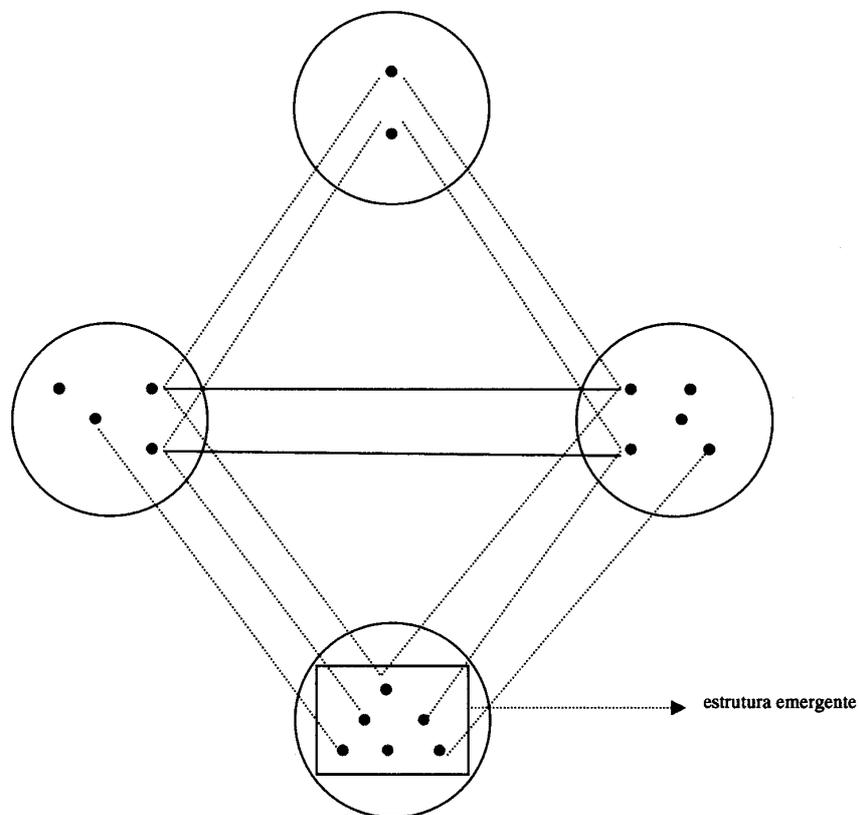


Figura 6 - Representação gráfica de todos os componentes do processo de mesclagem, incluindo a estrutura emergente

Fauconnier ilustra o processo de mesclagem com vários exemplos, entre os quais o do “grande debate”, em que um professor de filosofia, ao discursar para seus alunos, diz:

Acho que a razão é uma capacidade que se autodesenvolve. Kant discorda de mim nesse ponto. Ele diz que a razão é inata, mas eu respondo que isso é dar a questão como provada, ao que ele se opõe, em *Critique of Pure Reason*, defendendo que somente idéias inatas têm poder. Mas sobre isso eu digo: e a seleção grupal de neurônios? E ele não responde<sup>1</sup>.

Fauconnier explica o grande debate como um evento que ocorre dentro de um espaço-mescla, criado a partir de um Input 1 em que está o professor filósofo defendendo suas idéias, e um outro (Input 2) em que está Kant, pensando e escrevendo. O esquema genérico compartilhado é constituído de um pensador, que medita e defende idéias, um modo de expressão, uma língua específica e assim por diante. A mescla recebe o professor filósofo do input 1, a língua inglesa, o tempo em que o professor profere suas alegações; e recebe Kant do input 2 e suas idéias, mas não seu tempo de vida ou o fato de que está morto, por exemplo. Desta maneira, permite-se uma integração de eventos em que as idéias opostas dos filósofos configuram um debate, do qual ambos estão participando, fazendo uso de uma única língua para tratar do assunto. Isso faz com que ocorra o recrutamento do “frame” de debate, o qual contribui, por completamento, estruturando a mescla e trazendo consigo expressões convencionais de seu universo (*discordar, responder, opor-se*), deixando-as disponíveis para uso na mescla.

É importante mencionar que a ligação da mescla com seus “inputs” originários fica mantida, de maneira que estruturas e inferências desenvolvidas no novo domínio podem ser transferidas de volta aos espaços iniciais. Ou seja, os quatro espaços operam simultaneamente na mesclagem, o que a caracteriza como um processo muito flexível e dinâmico de construção de significado *online*.

## 2. Abordagens cognitivas da dêixis

No intuito de chegar a uma nova abordagem que desse conta dos aspectos cognitivos e sociais da dêixis<sup>2</sup>, MARMARIDOU (2000) propõe que a conceptualização dos elementos dêiticos envolve um MCI que se baseia essencialmente no ato de APONTAR, e que é responsável pela estrutura prototípica da categoria.

O MCI dêitico proposto envolve o ato lingüístico de apontar para uma entidade no espaço, que é realizado por um falante e dirigido a um ouvinte. Assim, uma expressão dêitica constrói um espaço mental em que falante e ouvinte estão co-presentes em um dado momento. A estrutura proposicional desse MCI é formada, portanto, por um agente, o *falante*, que chama a atenção do *ouvinte* (paciente) para uma *entidade*, que se

relaciona espacialmente com o falante. Essa concepção leva ao esquema imagético *centro x periferia*, o qual é baseado na experiência humana de ter um corpo com um centro (o tronco) e periferias, sendo que a parte central é percebida como mais importante, já que as periferias dependem dela. Em função das noções de centro e periferias, a perspectiva perceptual humana ocasiona também um esquema de *proximidade X distância*. Em conseqüência, os elementos estruturais desse esquema imagético são um domínio espacial, um centro e uma periferia: o centro dêitico é o falante, as periferias são os objetos da dêixis – entidade referenciada e interlocutores – e ambos são conceptualizados como entidades no mesmo espaço e tempo. O uso mais prototípico da dêixis será, então, dado pelo uso de um termo que garanta este esquema imagético em sua forma ideal. Apresentamos alguns exemplos de usos dêiticos prototípicos:

- (7) Aqui não vendemos bebidas alcoólicas.
- (8) Hoje ‘tá fazendo muito calor.
- (9) Você entendeu o que eu quis dizer?

Suponhamos que a sentença (7) tenha sido dita por um atendente em uma lanchonete, e dirigida a um interlocutor que tenha acabado de pedir uma cerveja. O dêitico de lugar – *aqui* – indica, neste caso, o lugar em que falante e ouvinte se encontram no momento da emissão. Analogamente, o dêitico de tempo em (8) aponta para o dia em curso e os dêiticos de pessoa em (9) indicam o ouvinte e o falante, respectivamente. Portanto, cada um desses usos constrói um espaço mental em que falante e ouvinte estão co-presentes no momento da interação conversacional.

Entretanto, como se trata de um MCI, a organização conceptual do fenômeno da dêixis proposta por Marmaridou possibilita que os termos e usos prototípicos apresentem *assimetrias*. É o caso do uso impessoal do pronome ‘você’, com o qual não se faz referência a um destinatário específico, como em (9) acima, mas a todos que podem ser referência dentro do contexto dado pela informação total da sentença:

- (10) Você bate as claras antes de começar a fazer o bolo.

O uso genérico da 2ª pessoa é um dos problemas tradicionais da análise de termos dêiticos, e diz respeito à referência de usos dêiticos menos prototípicos. Com o propósito de entender o processo lingüístico-cognitivo que ocorre ao se usar e compreender usos desse tipo, RUBBA (1996) propõe a formação de *grounds*<sup>3</sup> alternativos ao da situação imediata

de fala. Tal proposta é desenvolvida a partir da postulação de um *ground default*, o qual corresponde ao domínio-base em que a enunciação está inserida – o que equivale ao espaço-base alimentado pelo MCI da dêixis. Abaixo, uma ilustração do *ground default* dêítico:

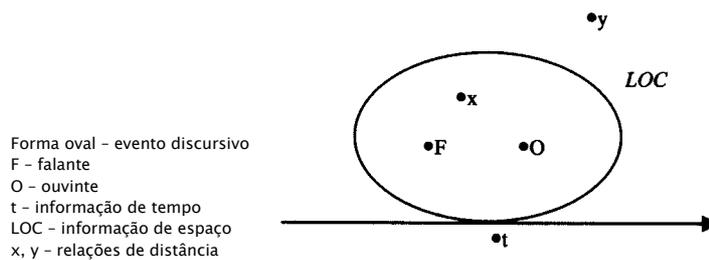


Figura 7 – Quadro semântico da dêixis

Interpretamos dêíticos no discurso, primeiramente, através de uma concepção-base de *ground* representada em nossa cognição – que corresponde à estrutura de MCI de MARMARIDOU (2000) –, formada basicamente pelos elementos falante, ouvinte, espaço e tempo, inseridos em um evento discursivo (o que corresponde à Figura 7). Novos *grounds* surgiriam como alternativa ao *ground default*, porque representações mentais nos permitem transportar o valor *default* dos itens dêíticos para outros domínios (espaços mentais ou MCIs) construídos pelo discurso, que dão conta da informação pragmática.

Os trabalhos de RUBBA (1996) e MARMARIDOU (2000) demonstram que a partir de uma análise cognitiva podemos compreender usos dêíticos cuja referência não está no cenário da enunciação, bem como obter um detalhamento maior da base cognitiva do fenômeno como um todo. Dessa forma, as propostas prenunciam a possibilidade de se revelar a construção cognitiva de ocorrências dêíticas através do entendimento da participação do MCI dêítico nos domínios evocados pelo discurso, e sua interação com as informações que garantirão a interpretação dos termos.

### 3. Mesclagem conceptual e dêíticos

A análise apresentada neste artigo enfoca elementos dêíticos polissêmicos, pertencentes a três campos semânticos descritos na literatura

como relevantes para a dêixis: pessoa, tempo e espaço (LEVINSON 1983, 2004). Mais especificamente, os termos analisados foram o pronome de 1ª pessoa do plural “nós”, o advérbio de tempo “hoje” e o advérbio de lugar “aqui”. As ocorrências desses termos foram retiradas de crônicas de João Ubaldo Ribeiro, publicadas no jornal *O Globo*, em 2004 e 2005.

Pretendemos demonstrar que a interpretação dos dêiticos polissêmicos resulta de processos de mesclagem que possibilitam a construção de domínios específicos. Nos dados analisados, os domínios identificados foram denominados *dialógico*, *político* e *genérico*. A seguir, detalhamos os processos relacionados a cada um deles.

### 3.1 O domínio dialógico

O trecho abaixo apresenta um caso em que a 1ª pessoa do plural codifica participantes de um evento dialógico:

(11) Portanto, acho que o São Francisco vai secar. Mas, encarando as coisas pelo lado positivo, **imaginemos** a atração turística que será o sítio arqueológico criado pela extinção de um dos maiores rios do mundo.

As ocorrências dêiticas que se referem às pessoas que fazem parte de uma interação conversacional (‘eu’, ‘você’, ‘nós’) são prototípicas da categoria, já que são realizações lingüísticas do MCI que temos conceptualizado para o fenômeno. O uso da 1ª pessoa do plural que denominamos *dialógico* seria muito próximo ou equivalente ao protótipo da categoria: o ‘nós’ que inclui o falante e ouvintes específicos. Nas crônicas de João Ubaldo, existe uma proposta de diálogo entre o escritor e seus leitores, em que o escritor dirige-se aos seus interlocutores e os chama para a reflexão:

(12). (aliás, “gente”, assim como “pessoa”, não devia ser palavra feminina, porque há o risco de ofender homens extremamente ciosos de sua masculinidade; **tentemos** empregar, por exemplo, “gento” e “pessô” ao **nos referirmos** ao sexo masculino e “genta” ao feminino)...

Apesar de a 1ª pessoa dialógica encontrada nas crônicas estar muito próxima ao ‘nós’ prototípico da categoria dêitica, o contexto em questão é alternativo àquele de uma produção discursiva oral, já que se trata de um texto escrito.

O que ocorre é a ativação de um domínio específico pelo discurso, através do uso de verbos que são semanticamente próximos, os quais fazem referência a um evento discursivo. *Reconhecer, pensar, lembrar, referir, imaginar* etc. são verbos que apontam para um MCI de evento comunicativo-dialógico, do qual fazem parte ações como as descritas pelos verbos mencionados: os participantes de um diálogo devem chegar a um acordo em relação ao evento comunicativo, ou àquilo do que se quer falar; para tanto, o falante incita o raciocínio (*pensar, imaginar*), a opinião (*reconhecer*) de seu interlocutor, para que a idéia em questão chegue a ser compartilhada por ambos (*referir, dizer*). Vejamos mais alguns exemplos:

- (13) **Vamos pensar** que seria possível para um governo, especialmente esse governo, conceber um mecanismo inteiramente novo de distribuição de benefícios para os carentes.
- (14) **Vamos reconhecer** que o povo, por alguma razão inexplicável, é mal educado e mal acostumado, não merece desfrutar de um país que vai tão bem. **Vamos reconhecer** igualmente que já chegamos ao limite...
- (15). Tudo bem, não vou *discutir* com o pessoal que milita na área. Certo, a ciência política está longe de se esgotar na Teoria Geral do Estado, mas umas pitadas dela talvez nos ajudem a *ver os nossos problemas*. [par] **Vamos começar** pelo fim da enumeração, o território.

Um domínio alternativo é evocado, e nele há duas entidades que formam o grupo ‘nós’: ‘eu’, escritor, e ‘vocês’, leitores. É esse grupo que, liderado pelo escritor (centro dêitico) irá participar do evento comunicativo e “dialogar”. Vejamos um outro exemplo:

- (16) Nem *falo* na Amazônia dita brasileira, porque *acho* que, pelo andar da carruagem, ela não permanecerá nossa e, mais dia, menos dia, vão armar – *segundo muitos*, já estão armando – esquemas para tirá-la de nossas mãos irresponsáveis. Minha tendência é *acreditar* nisso, mas *dou de lambuja* que não vai acontecer. Contudo, que grande parte da Amazônia brasileira já é terra de ninguém e tem índio que fala inglês e não português *me parece* inegável, embora não **precisemos** ir tão longe<sup>4</sup>.

As expressões acima *falar, achar, segundo muitos, acreditar, dar de lambuja* também evidenciam que se trata de uma situação comunicativa; daí a interpretação de **precisemos** como referente ao grupo de interlocutores do evento discursivo.

Postulamos, dessa forma, que os sentidos dos verbos e substantivos funcionam como pistas de ativação de um domínio específico e estável, o qual nomeamos *MCI da Comunicação Escrita*. Abaixo, o quadro figurativo desse MCI proposicional:

Quadro 1 - MCI da comunicação escrita

---

Intenção de comunicação, ou acordo/ convencimento, ou lembrança, etc...
Objetivo: informação, opinião, crítica, lembrança, registro, denúncia...
Escritor
Leitor (es)
Espaço textual
Dia/momento da redação
Dia/momento da leitura

---

O MCI acima é uma organização da idéia que se compartilha sobre o que é a comunicação escrita: basicamente, há um escritor, seus leitores ou leitor, um meio pelo qual se comunica – o espaço textual –, o momento da escrita e o momento em que o texto é lido; e há um objetivo pelo qual se escreve, inevitavelmente ligado a uma intenção, seja ela a de simples comunicação ou registro, ou também, mais complexa, de persuasão. Observemos também os seguintes trechos:

- (17) Já *falei* nisso **aqui**, mas também *acho* que o leitorado aprecia remoer, volta e meia, acontecimentos e comportamentos que fazem parte de nossa existência coletiva e que muitos já desconhecem.
- (18) Expandindo um pouco o que já *publiquei aqui*, vamos *lembrar* que, mais ou menos do mesmo jeito que entre os índios brasileiros antes do descobrimento, não havia, na África, noção de África comparável nem de longe à de hoje e muito menos de “negritude”.

A leitura do termo ‘aqui’, nesses trechos, deixa claro que o espaço ao qual o escritor se refere usando esse dêitico é o espaço da coluna do jornal. Assim como no caso das partes do diálogo, no exemplo (17) acima os verbos *falar* e *achar* funcionam como pistas para um espaço mental em que se desenrola um evento comunicativo-dialógico, assim como, no exemplo (18), os verbos *publicar* e *lembrar* têm o mesmo papel. Em relação ao espaço temporal, observemos os fragmentos:

- (19) Havia até escolhido um *assunto* para ocupar este espaço que **hoje** envergonhadamente avacalho, mas não consigo *abordá-lo*, porque, *refletindo* melhor (*sic*), devo estar também em surto e não tenho condição de *falar* sobre coisa nenhuma que não minha patética situação.
- (20) *Aceito* até *alegações* de que sou cretino completo mesmo, pois não somente *acho* que pode assistir razão a quem alega, como, de qualquer forma, *estou inclinado a* entrar nessa de paz e amor também, chega de *reclamação*, ao menos **hoje**.
- (21) O *entrelinhismo*, afinal, é uma postura filosófica ou metodológica arraigada em muita gente e, se quiser continuar a *escrever* e *publicar*, vou ter que conviver com ele o resto da vida. Mas **hoje**, particularmente, faço questão de *deixar claro* aos entrelinhistas que, além de não ter recebido oferta de suborno nenhuma, não posso ser acusado de defensor das brigas de galo e Itaparica está aí, para não me deixar *mentir*.

Nos trechos acima, ‘hoje’ significa o dia da escrita, aquele em que o texto é produzido<sup>5</sup>. O significado desse dêitico é alimentado, assim como ‘nós’ e ‘aqui’, pelo MCI da Comunicação Escrita, ativado por substantivos como *assunto*, *reclamação*, *entrelinhismo*; e verbos como *abordar*, *refletir*, *falar*, *escrever*, *publicar*, “*deixar claro*”, *mentir*. O domínio dêitico dialógico se estabelece, portanto, de acordo com o esquema a seguir:

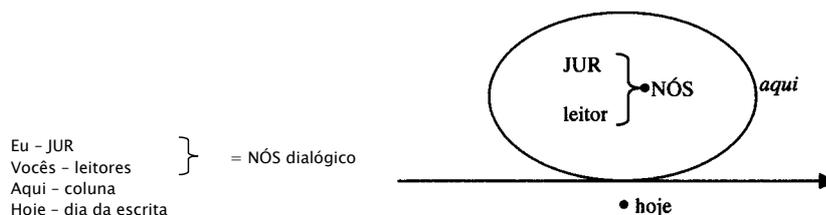


Figura 8

Quando os leitores ativam este espaço mental, as referências dos dêiticos são reconhecidas, ou seja, os significados que eles representam são decodificados; e isso é possível devido às pistas lingüísticas que acionam o MCI da comunicação escrita.

Segundo MARMARIDOU (2000), a menção de um dêitico ativa um domínio estruturado pelo MCI da dêixis; em outras palavras, ao ler ou

ouvir um dêitico, o interlocutor acessa a maneira como entendemos conceitualmente tal fenômeno, o que envolve as noções de falante, ouvinte, tempo e espaço. Abaixo, vê-se o MCI dêitico transformado em modelo proposicional:

Quadro 2 - MCI da dêixis

---

Ato de apontar
Falante
Ouvinte
Cenário comunicativo
Momento da comunicação

---

Para que um dêitico seja interpretado, é necessário que haja informação contextual; até que ocorra uma contribuição contextual, o significado dos dêiticos será aquele semântico-cognitivo apenas: seus significados esquemáticos, que se aplicam a diversas situações de discurso. Em se tratando de um texto escrito, não há contexto físico comum acessível ao leitor e ao escritor; por isso, se o escritor faz uso de dêiticos, também deve proporcionar domínios contextuais através do discurso para que esses dêiticos sejam interpretados. Segundo NUNBERG (1993), identificamos primeiramente o componente dêitico de um termo para, depois, passarmos à interpretação pragmática, que dependerá do contexto de produção do discurso. Assim, o uso da 1ª pessoa do plural ativa o entendimento dêitico que temos dele: destaca o falante em meio a um grupo em que ele e o ouvinte estão incluídos; e o acesso a uma parte do que constitui o quadro *default* dêitico (a informação de pessoa) ativa o todo: o MCI dêitico (Figura 7) fica, portanto, disponível. No que concerne à *interpretação* dessa ocorrência do termo, informação lexical ativa conhecimento sobre o que é e do que se trata a comunicação escrita – conhecimento estocado organizado em forma de MCI. Comparemos os dois MCIs:

Quadros 2 e 1

MCI da dêixis	MCI da comunicação escrita
Falante	Escritor
Ouvinte	Leitor (es)
Cenário comunicativo	Espaço textual
Momento da comunicação	Dia/momento da redação
Ato de apontar	Dia/momento da leitura

Os dois MCIs contêm informação de pessoas, de lugar e de tempo, o que deixa evidente que uma analogia entre os dois domínios pode ocorrer e ser organizada em um *esquema genérico*. Assim, contrapartes dos MCIs sofrem projeção interdomínios e entre elas identifica-se uma estrutura abstrata compartilhada, como mostra a Figura 9 abaixo:

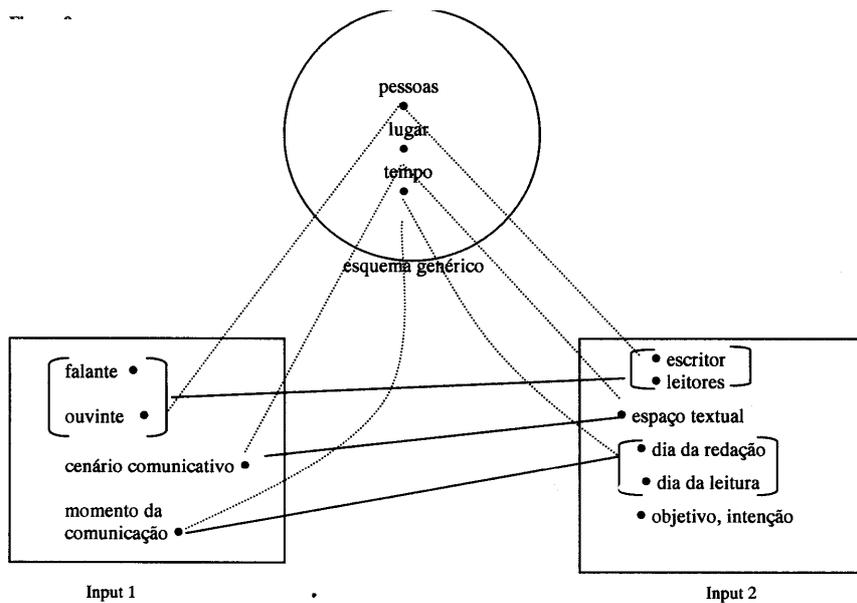


Figura 9

O esquema genérico comporta as noções de pessoas, espaço e tempo, o que equivale aos elementos dos inputs 1 e 2 que foram projetados como contrapartes. Por se tratarem de dois domínios conceituais (MCIs) que têm elementos de natureza comum, argumentamos que ocorre, para a formação do domínio dialógico, um processo de mesclagem conceitual entre esses dois domínios estáveis:

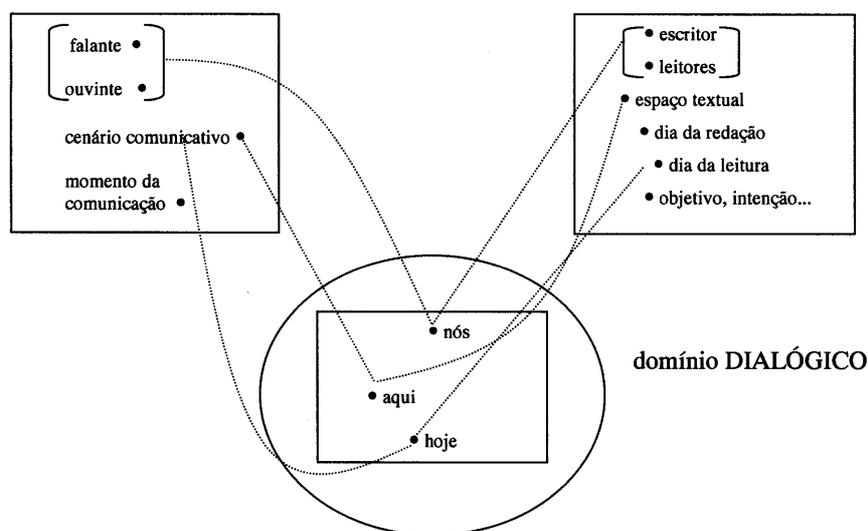


Figura 10

A figura acima representa o que constitui aquilo que denominamos, neste trabalho, domínio, espaço ou *ground* dialógico: como houve uma analogia possível entre os elementos dos inputs, esses elementos foram projetados como contrapartes, permitindo o estabelecimento da mescla e de sua estrutura emergente. Assim, 'nós' é composto do sentido prototípico do termo, que destaca falante e ouvinte no input 1, adicionado da informação pessoal (escritor e leitor) dada pelo MCI da comunicação escrita; o recorte temporal indicado por 'aqui' também ganha significado do input 2, que contém informação de localização textual (coluna); e o recorte de tempo que o termo 'hoje' destaca é interpretado por uma das possíveis descrições de tempo que o MCI fornece: o dia da escrita.

### 3.2 O domínio político

O exame de outro grupo de sentenças também mostrou regularidades que levaram ao estabelecimento de um MCI, principalmente com referência aos assuntos tratados por João Ubaldo em suas crônicas:

- (22) Trata-se de uma ação inserida no contexto maior da proteção aos animais, que agora o Brasil converte em programa fundamental do governo? É bem verdade que **vivemos** num país onde é “mais negócio” matar o fiscal do Ibama do que ir preso pelo assassinato do jacaré.
- (23) Imprevidente que sou, me excedi, gastei todo o espaço e não cheguei nem a roçar no oceano de felicidade em que **vamos mergulhar**, já a partir do próximo sábado. Quantos empregos foram criados? Perdi a conta. Quantos serão? Também já perdi. É, **não vamos perder tempo**<sup>6</sup> com essas ninharias, **vamos é aproveitar** tudo isso que o governo já **nos** deu, abandonar a preguiça, fazer a **nostra** parte e deixá-lo em paz para cuidar da reeleição.
- (24) Mas, da mesma forma que pelo menos alguns de vocês — espero eu, para não me sentir o único burro da nação —, não venho entendendo bem por que **temos** tantas razões de comemorar e esperar tudo de bom no futuro próximo.

Percebe-se, através dos trechos acima, que o autor trata de problemas que existem atualmente e são conhecidos por todos no Brasil: *impunidade criminal* aos poderosos, *desemprego* e, inevitavelmente, *desesperança* causada pelo reconhecimento de todos esses infortúnios.

Notada essa homogeneidade em relação aos assuntos tratados nesta coluna, identificamos nos textos um MCI que nomeamos *da crise brasileira atual*:

Quadro 3 - MCI da crise brasileira atual

---

Falta de segurança / violência
Impunidade criminal
Corrupção
Tráfico de drogas
Incompetência governamental
Impostos altos
Desemprego
Fome

---

Os três exemplos abaixo confirmam o MCI identificado, pois evidenciam a existência de certos problemas brasileiros através de pressuposições que a escolha lingüística estabelece:

- (25) ...algumas cidades brasileiras vêm *minorando* de forma notável seus problemas de segurança e violência...
- (26) *Mais* um assalto na Lagoa, no Rio. Entre os assaltantes, um inspetor da Polícia Civil. *Mais* um assalto na madrugada, em São Paulo. Entre os assaltantes, um delegado.
- (27) A semana começou com um petardo no coração do tráfico de maconha, um tiro certo que, se não o golpeará de morte, seguramente *reduzirá* drasticamente suas proporções.

Em (25), o fato de cidades estarem “minorando” seus problemas de segurança e violência atesta que esses problemas existem; em (26), ‘mais’ assaltos no Rio e em São Paulo também demonstra, através do quantificador, que assaltos acontecem; e em (27), falar sobre a ‘redução’ do tráfico de maconha pressupõe a existência desta outra calamidade urbana.

Outras evidências lingüístico-cognitivas também ajudam a estabelecer o MCI da crise brasileira atual, como alguns trechos em que o autor usa o recurso de ironia:

- (28) E matar gente é moleza, tanto assim que o método mais fácil de se livrar de um desafeto no Brasil é encher a cara e atropelá-lo.
- (29) Desde o dia em que ouvi a notícia sobre o deputado federal que apresentou, ou vai apresentar, projeto proibindo que se dêem nomes de gente a animais, não me batia com iniciativa de tamanha repercussão para a sociedade.

Constatado o MCI, o grupo de expressões presente no contexto textual em análise, que são referentes a características negativas específicas do Brasil e estão freqüentemente presentes nos dados colhidos, funcionam como ativadores de MCI. Observemos também os usos de ‘aqui’ nos fragmentos a seguir:

- (30) Nem fome o povo tem mais, essa menina! Era tudo invenção de comunista, afinal. Essa turma é de lascar, vira e mexe a gente descobre alguma coisa inventada por ela, como esse negócio de que **aqui** tem gente passando *fome*.
- (31) Enquanto isso, ele viaja e, uma vez na vida e outra na morte, reúne alguns ministros e anuncia que “cobrou providências”. Isso nunca foi administrar ou governar, nem **aqui** nem no seu invejado Gabão.

(32) Aí era só receber o envelope com as chapas (cédulas), enfiar na urna, tracejar a assinatura e lá estava o povão mostrando que quem manda **aqui** é ele, apanágio das democracias.

Os exemplos (30), (31) e (32) acima ilustram usos do termo ‘aqui’ significando ‘Brasil’. Assim como no caso da 1ª pessoa do plural, ‘aqui’ é amparado por expressões lexicais que se referem ao MCI alimentador: no primeiro exemplo, fala-se de fome; no segundo, fala-se sobre incompetência governamental; o terceiro refere-se a corrupção eleitoral. Em todos os casos, portanto, o MCI da crise brasileira atual é fonte de conhecimento em *background*. Com relação à dêixis temporal, os seguintes usos de ‘hoje’ mostram-se também ancorados em um espaço ou *ground* específico – o qual chamaremos *político*:

(33) Já que ninguém estará mais na rua depois das onze, assaltos, homicídios e ilícitos diversos **hoje** favorecidos pelas altas horas em que muitos provocadoramente circulam, mudarão.

(34) **Hoje**, claro, é diferente, **hoje** tem até gente que nunca conheceu tempos sem eleições, ou com eleições estapafurdidamente montadas. **Hoje** votamos em urnas eletrônicas, ninguém desgruda da televisão no horário eleitoral, o que está se vendo aí é algo completamente diferente.

(35) Guerreavam e quem ganhava costumava escravizar quem perdia. Isso já acontecia na África anterior à chegada europeia e não podia ser diferente, pois a escravidão é uma iniquidade antiga e tão sedimentada que até **hoje** não acabou.

Nos trechos que contêm o dêitico ‘hoje’, o significado ‘atualmente’ é claramente percebido devido ao contexto informacional e lingüístico: fala-se de práticas atuais – prática de ilícitos diversos; urnas eletrônicas e horários eleitorais; permanência da escravidão – que se opõem a práticas futuras ou passadas, marcadas nos dados pelos tempos verbais correspondentes.

Postulamos, desta forma, que um espaço específico contém as referências dos significados, representadas pelas formas dêiticas ‘nós’, ‘aqui’, ‘hoje’, inferidos a partir dos trechos reproduzidos nesta seção. Abaixo apresentamos o esquema para o domínio *político*:

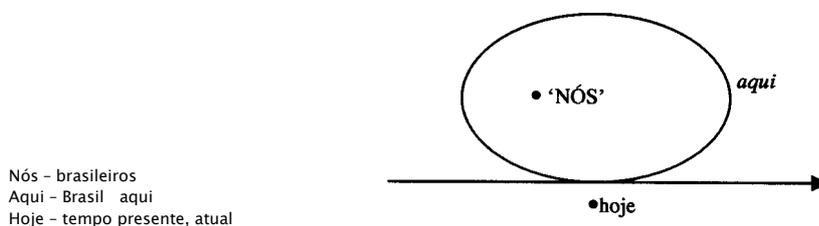


Figura 11

As características deste MCI também permitem que encontremos uma analogia entre o domínio político e o MCI da dêixis e, assim, igualmente ao processo de construção do *ground* dialógico descrito na seção anterior, há a formação de um esquema genérico:

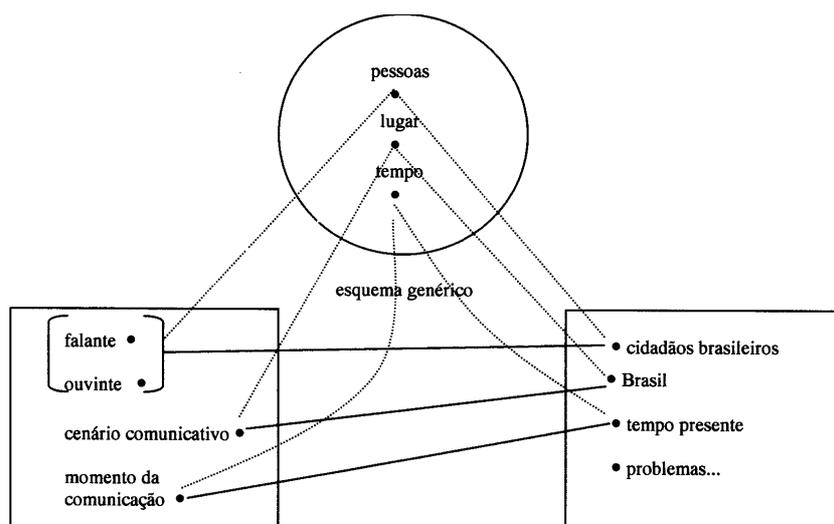


Figura 12

Dadas as contrapartes e a analogia genérica, ocorre o processo de mesclagem, ficando estabelecida a mescla e sua estrutura emergente – o domínio político:

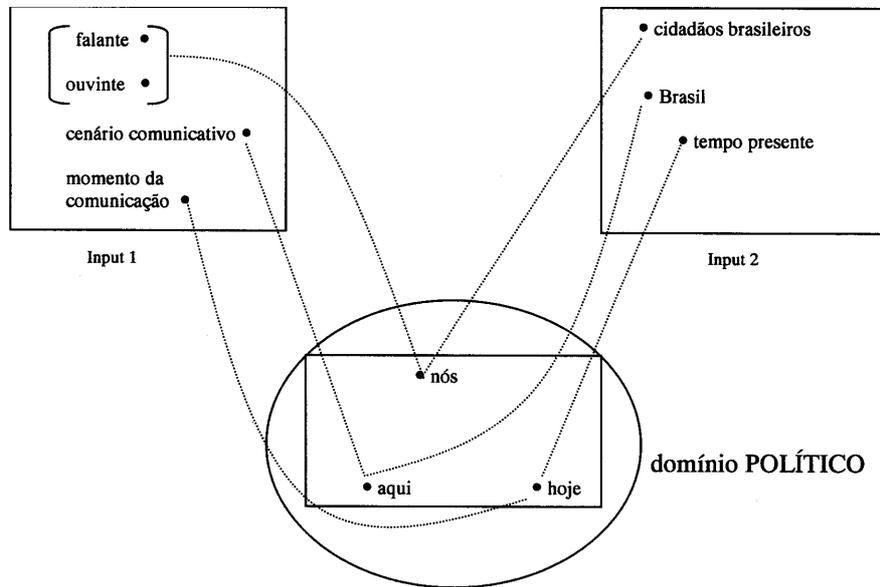


Figura 13

A 1ª pessoa do plural é, como mostra a Figura 13 acima, composta da mescla entre seu caráter inclusivo *default* (do input 1) e aqueles que participam do MCI da crise brasileira atual: os cidadãos brasileiros. ‘Aqui’ ganha sentido pelo recorte de espaço de que trata o input 2 (‘Brasil’), e ‘hoje’ tem seu recorte de tempo interpretado como ‘atualmente’, que vem implícito no MCI 2.

Assim como em todo processo de mesclagem conceitual, a mescla herda informação sociocultural, que é organizada em *frames* e lexicalmente: expressões convencionais de seu universo são as ferramentas usadas pelo interlocutor para identificar o domínio discursivo político.

### 3.3 O domínio genérico

O significado genérico da 1ª pessoa do plural é usual para os nativos da língua portuguesa, ou seja, interpretamos o sentido impessoal ou genérico de ‘nós’ assim como interpretamos os usos mais prototípicos. Observemos os trechos:

- (36) E com a agravante de que não fomos (anafórico: JUR + computador) feitos um para o outro: ele é sádico e eu não sou masoquista. Tentei discutir o relacionamento, mas, como **sabemos**, isso não dá certo, pois algumas incompatibilidades não podem mesmo ser superadas.
- (37) Toinho é, que eu saiba, o autor da metáfora da catraca, alusão ao inevitável transcurso de todos **nós** desta para melhor.
- (38) Não **sabemos** com certeza o que os outros fazem. **Podemos saber** ou **achar** que **sabemos** muito, mas geralmente não **sabemos** nada. É até bem freqüente – e está aí a turma analisante/analísanda que não me deixa mentir – que **nós mesmos não saibamos**, ou não **lembramos**, o que **fazemos** ou **fizemos**.

No caso genérico, os trechos encontrados contribuíram de modo a nos fazer identificar um domínio alimentado por um MCI consideravelmente mais complexo do que aqueles já mencionados (da comunicação escrita e da crise atual). Cada trecho acima trata de um assunto particular – relacionamentos amorosos, morte, e (falta de) conhecimento sobre o outro –, porém, todos contêm proposições que pressupõem a espécie humana (como seres sociais) como sujeito, uma vez que são fundamentadas em idéias/conceitos difundidos na sociedade:

- (a) Não dá certo discutir o relacionamento.
- (b) A morte é inevitável.
- (c) Ninguém sabe nada de ninguém; ninguém conhece o outro verdadeiramente.

As idéias contidas nos trechos e nas sentenças acima são proposições que podem fazer parte, cada uma, de um MCI específico, mas que convergem em um modelo mais complexo, formado de MCIs distintos, que LAKOFF (1977, p. 74-76) nomeou *cluster model*. A proposição (a) está inserida no modelo que temos sobre relacionamentos amorosos, ou sobre problemas em relacionamentos amorosos; a segunda idéia (b) diz respeito ao modelo que compartilhamos sobre morte: é inevitável, é sofrida, é indesejada etc.; e o terceiro conceito (c) refere-se a um possível MCI de relacionamentos humanos em geral. Assim, identificamos todas as considerações aqui expostas como parte de um *cluster model* que compreende teorias e crenças sobre o ser humano e sua vida.

De acordo com o estudo cognitivo de Marmaridou sobre dêixis, o ‘nós’ genérico estaria em um nível baixo da escala de prototipicidade,

pois é pouco dêitico: refere-se sempre a uma postulação geral dada a um grupo maior do qual o falante faz parte.

No que concerne às dêixis de lugar e tempo, este domínio pode ser considerado “incompleto”, pois não contém essas referências. A própria significação da 1ª pessoa do plural colabora para o estabelecimento de um *ground* “incompleto”: se ‘nós’ significa ‘seres humanos’ ou ‘todos e qualquer um’, o espaço e tempo em questão são de difícil descrição.

Em suma, o ‘nós’ genérico está ancorado em um domínio “deiticamente incompleto<sup>7</sup>”, se o compararmos aos casos dialógico e político, e é alimentado por um MCI complexo que inclui considerações sobre todos os assuntos que dizem respeito aos representantes da espécie humana como um todo. Mas o processo de construção do espaço em que o ‘nós’ genérico vem ancorado desenvolve-se, inevitavelmente, da mesma maneira: a menção da 1ª pessoa do plural ativa o sentido dêitico desse termo e o MCI da dêixis. Em decorrência disso, conclui-se que a diferenciação na concepção do *ground* desse uso do ‘nós’ estaria no modo como ocorre a contribuição lingüístico-contextual do MCI complexo que é projetado ou mesclado ao MCI da dêixis. Vejamos um dos trechos:

(37) Toinho é, que eu saiba, o autor da metáfora da catraca, alusão ao inevitável transcurso de todos **nós** desta para melhor.

Na sentença acima, a menção do dêitico ativa o MCI de que faz parte; a informação frasal, metafórica, fala de morte, que é um dos “assuntos” do *cluster model* sobre o Homem e sua vida. Contudo, o confronto entre os MCIs dêitico e da vida humana mostra que há contrapartes pessoais e possíveis contrapartes temporais, e mesmo espaciais, entre eles. Assim, o processo se inicia pelo estabelecimento de um esquema genérico:

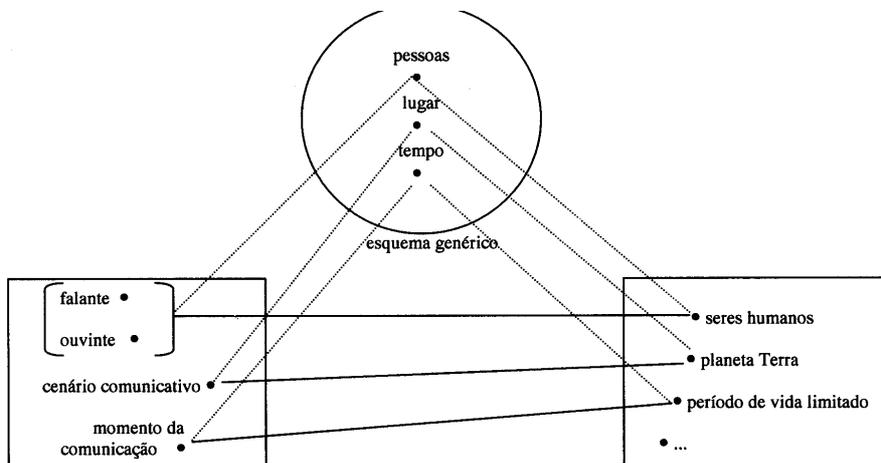


Figura 14

Dada a estrutura genérica, ocorre o processo de mesclagem, o qual projeta na mescla o dêitico ‘nós’ e seu caráter inclusivo (input 1) e as pessoas contidas no MCI *cluster*: seres humanos. Como a referência pessoal desse MCI engloba todos os seres humanos, dá-se a significação *genérica* do termo dêitico. Vejamos:

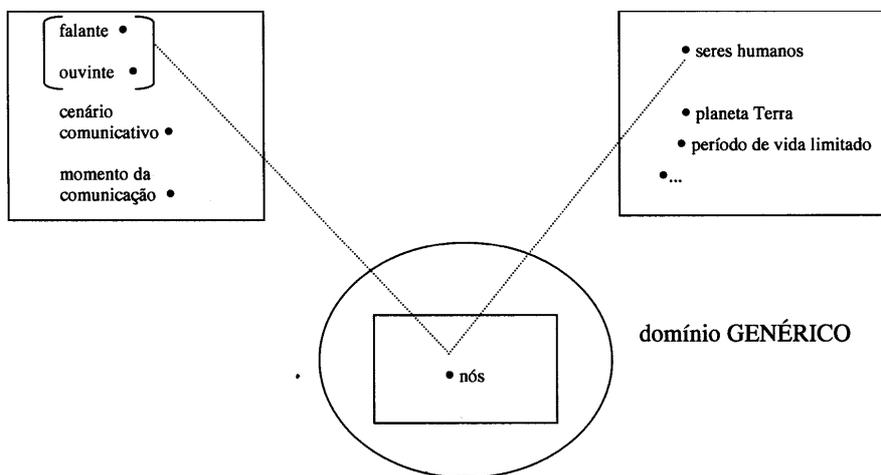


Figura 15

A informação de espaço também pode ser herdada do input 2, o que permite usos lingüísticos como em “*Aqui se faz, aqui se paga*”. Já a informação de tempo do input 2 parece não ter correspondente dêitico simples – embora possa ser sinalizado pela expressão ‘nesta vida’, por exemplo. Devido a essa observação, argumentamos que o significado ‘todos e qualquer um’, que fica implícito pelo dêitico ‘nós’, e a interpretação ‘espaço Terreno’ do dêitico ‘aqui’ – ambas informações genéricas – se dá também porque a estrutura emergente não tem informação de tempo dada pelo discurso. Além, evidentemente, da natureza do MCI, que é amplamente complexo e contribui para o grau genérico das referências dêiticas em questão. Assim, postulamos que sem estar situado em um domínio que inclua pessoas, espaço e tempo específicos – ou seja, um domínio completamente estruturado pelo MCI da dêixis –, a 1ª pessoa do plural tem referência genérica, assim como o dêitico espacial ‘aqui’. Isso concorda com a descrição de MARMARIDOU (2000, p. 106-109) sobre o ‘*we*’ genérico, e também com o que sugere RUBBA (1996) sobre o ‘*you*’ impessoal: são casos em que o MCI dêitico não é inteiramente projetado em um domínio, o que os torna exemplos distantes do protótipo da categoria. A contribuição deste trabalho em relação a essas propostas anteriores reside no detalhamento da construção dos significados não-prototípicos, com base no processo de mesclagem conceptual.

## Conclusão

O que apresentamos neste artigo é a tentativa de uma explicação unificada para o processo de construção do significado de dêiticos no discurso. Resumidamente, o que consideramos como explicação unificada pode ser colocado em poucas linhas, caracterizando as seguintes etapas do processo de interpretação: a) o uso dêitico aciona MCI da dêixis; b) a informação lexical variada aciona MCI específico; c) a analogia origina esquema genérico; d) ocorre o processo de mesclagem conceptual; e) fica estabelecido um domínio-mescla, formado por estrutura que contém todos ou alguns dos elementos dos espaços de input – caracterizando usos mais ou menos prototípicos dos termos, respectivamente.

Embora tenhamos nos detido nos processos de construção dos *grounds* dialógico, político e genérico, em função do *corpus* analisado, a

principal contribuição teórica desta pesquisa relaciona-se à possibilidade de aplicação da mesma ferramenta analítica para o detalhamento de outros dêiticos polissêmicos ou ainda para o estabelecimento de outros *grounds* para ocorrências dos dêiticos ‘nós’, ‘aqui’ e ‘hoje’ em outros contextos.

## Notas

- <sup>1</sup> Do original (FAUCONNIER, 1997), traduzido por J. S. Ferreira: “I claim that reason is a self-developing capacity. Kant disagrees with me on this point. He says it’s innate, but I answer that that’s begging the question, to which he counters, in *Critique of Pure Reason*, that only innate ideas have power. But I say to that, what about neuronal group selection? And he gives no answer.”
- <sup>2</sup> Cognitivos, porque explicam como conceptualizamos a dêixis; sociais, porque mostram os efeitos pragmáticos do fenômeno, indicando que essa conceptualização é socialmente motivada também.
- <sup>3</sup> Termo técnico referente ao “evento discursivo, seu cenário, e seus participantes” (LANGACKER, 1985)
- <sup>4</sup> Os outros usos da 1ª pessoa do plural deste trecho não serão discutidos nesta seção, pois são exemplos de ‘nós’ que incluem o significado político (povo brasileiro).
- <sup>5</sup> Como a interpretação dos dêiticos ocorre em relação a um *ground* específico e alternativo ao contexto de produção do discurso, seria esperado que a informação de tempo fosse também alternativa em relação à informação *default* (*hoje* = dia em que foi produzido o discurso – *dia da escrita*). Como argumentaremos que se trata de um processo de mesclagem conceptual, torna-se possível que a informação de tempo do *ground*-mescla seja o *dia da escrita*, o que não afeta a afirmação de que a base da significação dêitica é um *ground* alternativo.
- <sup>6</sup> Neste caso, o sentido dialógico está adicionado ao político, pois se refere ao diálogo: “...me excedi, gastei o espaço e não cheguei nem a **roçar** (mencionar, citar) no oceano... não vamos **perder tempo com essas ninharias** (não percamos tempo em discutir essas coisas de pouca importância)”.
- <sup>7</sup> Porque não conta com o amparo de toda a estrutura do MCI da dêixis.

## Blending, polyssemy and deixis

**Abstract** – This paper takes a mental space approach to propose a unified treatment for the interpretation of polyssemic deictic elements in discourse (Fauconnier 1994, 1997; Lakoff, 1987; Fauconnier e Turner 2002). It is argued that non-prototypical deictic reference is established through blending processes, which involve at least two kinds of cognitive models: on one side, the idealized cognitive model for the interpretation of prototypical deictic elements and, on

the other side, specific cognitive models activated by discourse context. Both cognitive domains contribute to the construction of blended spaces, which allow interlocutors to interpret person, space and time deictic information.

**Key words** – Cognition. Deixis. Blending.

## Referências bibliográficas

FAUCONNIER, G. *Mental spaces*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

\_\_\_\_\_. *Mappings in thought and language*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

FAUCONNIER, G.; SWEETSER, E. Cognitive links and domains: basic aspects of mental space theory. In: *Spaces, worlds & grammar*. Chicago: University of Chicago Press, 1996.

FERRARI, L. Integração conceptual em construções epistêmicas no português do Brasil. In: MIRANDA, N.S.; NAME, M.C. (eds) *Linguística e cognição*. Juiz de Fora: Eduff, 2005. p. 137-152.

FILLMORE, C.J. Towards a theory of deixis. *The PCCLLU Papers*, Department of Linguistics, University of Hawaii, v.3, n. 4, p. 219–241, 1971.

\_\_\_\_\_. *Santa Cruz Lectures on Deixis*. Indiana University Linguistics Club, 1975. (Mimeo)

GRUNDY, P.; JIANG, Y. *Cognitive Semantics and Deictic Reference*. Hong Kong: The Hong Kong Polytechnic University, 1998. (Working Papers in Chinese and Bilingual Studies, n.1, p. 185-103).

HANKS, W.F. The indexical ground of deictic reference. In: *Rethinking Context, Language as an Interactive Phenomenon*. Cambridge: Cambridge University Press, 1992. p. 43-77.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Metáforas da vida cotidiana*. São Paulo: EDUC, Mercado das Letras, 1980.

LAKOFF, G. *Women, fire and dangerous things: What categories reveal about the mind*. Chicago: The University of Chicago Press, 1987.

LANGACKER, R.W. Observations and speculations on subjectivity. In: HAIMAN, J. (ed.) *Iconicity in Syntax*. Amsterdam: John Benjamins, 1985.

LEE, D. *Cognitive Linguistics: An introduction*. Oxford: Oxford University Press, 2004.

LEVINSON, S. *Pragmatics*. Cambridge: Cambridge University Press, 1983.

\_\_\_\_\_. Deixis. In: HORN, L.R.; WARD, G (eds.) *The Handbook of Pragmatics*. Oxford: Blackwell, 2004.

LYONS, J. Deixis as the source of reference. In: *Formal semantics of natural language*. Cambridge: Cambridge University Press, 1975.

\_\_\_\_\_. *Semantics*. Cambridge: Cambridge University Press, 1977.

MARMARIDOU, S. On Deixis. In: *Pragmatic meaning and cognition*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2000.

MIRANDA, N.S. Domínios conceituais e projeções entre domínios: Uma introdução ao Modelo dos Espaços Mentais. *Veredas*, n.4, p. 81-95, 1999.

NUNBERG, G. *The pragmatics of reference*. Tese de Doutorado. City College of New York, 1978.

\_\_\_\_\_. Indexicality and Deixis. *Linguistics and Philosophy*, n. 16, p. 1-43, 1993.

RUBBA, J. Alternate grounds in the interpretation of deictic expressions. In: *Spaces, worlds & grammar*. Chicago: University of Chicago Press, 1996. p. 227- 261.

SCAMPARINI, J. A interpretação sociocognitiva dos dêiticos no discurso. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Programa de Lingüística, 2005.

TEA, A.J.H.; LEE, B.P.H. Reference and blending in a computer role-playing program. *Journal of Pragmatics*, n. 36, p. 1609-1633, 2004.

Recebido e aprovado para publicação em maio de 2006.